



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12235 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

UMA TESE APRESENTADA EM DOIS FORMATOS: LINGUAGEM ESCRITA E AUDIOVISUAL

Adriana Barbosa da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

UMA TESE APRESENTADA EM DOIS FORMATOS: LINGUAGEM ESCRITA E AUDIOVISUAL

A pesquisa de doutorado, defendida em 2021, partiu de muitas inquietações surgidas a partir de minha inserção como profissional e pesquisadora da educação, mas também de estagiária no período da graduação em um projeto popular de cinema voltado para jovens e adultos de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro—, alimentei o desejo de entender e buscar caminhos para ampliar o diálogo com a juventude, que é plural e multifacetada.

Tornar essa experiência um objeto de estudo e investigação exigiu mobilizar algumas redes que não se haviam desfeito, e que poderiam ser ativadas e potencializadas durante o curso de doutorado. Meu contato cotidiano com ex-alunos da escola de cinema, em redes sociais, facilitava o desenvolvimento de uma proposta e gerava a vontade de pesquisar os atravessamentos da instituição na vida dos jovens com quem eu ainda me relacionava. Tinha o intuito de saber se a instituição interferira na escolha de seus projetos futuros.

Mas como contar essas histórias? Optei por trabalhar com metodologias de pesquisas a partir do aporte teórico das narrativas (auto)biográficas com o suporte de vídeos, escrutinando um novo jeito de narrar histórias de vida, compatível com a linguagem do cinema/do audiovisual. A tese apresentada em dois formatos: linguagem audiovisual e linguagem escrita discute particularidades próprias de cada linguagem e suas contribuições para as pesquisas em educação.

Contudo, a academia e os espaços formais de educação, trazem uma concepção ainda

muito presente em que o cinema e a linguagem audiovisual são utilizados apenas como complemento educacional, em detrimento de atividades consideradas, de fato, educativas. Observe-se o que questiona Duarte (2002, p. 20): “Defendemos o direito de acesso amplo ao conhecimento, mas não defendemos o direito ao acesso ao cinema. Até quando ignoraremos o fato de que cinema é conhecimento?”

Romper com essa lógica não é tarefa fácil, levando em consideração que ainda encontramos muita resistência por parte da academia, que considera estar o conhecimento atrelado apenas à linguagem escrita, desconsiderando todo o potencial formativo e pedagógico do cinema e da linguagem audiovisual.

Por isso, optei por contar essas histórias não apenas a partir do texto escrito, mas também apresentar histórias de vida por meio de filmes. Tomei os devidos cuidados para não colocar o material audiovisual em segundo plano, reconhecendo que há formas diferentes de contar histórias. Ou seja, não as coloquei em disputa, mas dei ênfase ao potencial formativo das duas linguagens no contexto educacional.

Desta maneira, me debrucei, então, nas histórias de vida de onze jovens que faziam parte da minha rede de contatos e que participaram de todos os processos formativos de cinema dentro da instituição: cinema básico, cinema intermediário, cinema avançado e Produtora Escola.

Embora desde o início da pesquisa existisse a inspiração de que os resultados obtidos nos estudos e encontros com os participantes pudessem ser apresentados em dois formatos: linguagem audiovisual e escrita, a produção dessa possibilidade foi-se fazendo cotidianamente, à medida que via emergirem histórias que não deveriam ser (re)contadas, mas partilhadas pelos próprios narradores, tal como as contaram, com gestualidades, expressões, pronúncias, acentos, inflexões, algo que a linguagem audiovisual consegue capturar com mais profundidade. Buscava, na relação entre narrador e ouvinte, desenvolver um processo sensível em relação à palavra dada e à escuta (MARINAS, 2007), compreendendo imbricações entre passado, presente e futuro na vida dos participantes (RICOUER, 2007).

O contexto da pandemia gerada pela propagação da Covid-19 fez com que o trabalho precisasse ser reinventado. Busquei, então, adaptando a proposta inicial de gravação de vídeos à atual conjuntura e às possibilidades que tinha no momento, recriar a linguagem audiovisual como ferramenta metodológica para ampliar o campo de narrativas (auto)biográficas e do cinema. As onze entrevistas-conversa foram realizadas por meio da plataforma Zoom.

A edição dos filmes, foi realizada por um profissional da área de cinema, mas os roteiros foram construídos e partilhados com cada um dos participantes, permitindo um encontro com as narrativas de si (JOSSO, 2004), proporcionando que os envolvidos no processo pudessem reflexionar suas experiências, para tecer novos diálogos e considerações

sobre as suas histórias de vida.

O material audiovisual, construído coletivamente, tornou-se um processo reflexivo e transformador, balizado nas falas dos próprios sujeitos. Foram produzidos onze vídeos de 25 minutos cada com as histórias de vida de cada uma dos participantes e um vídeo de 57 minutos com as histórias de vida entrelaçadas, sendo este último encaminhado para banca como parte da tese.

Para o material escrito que, decidi, traria também alguma singularidade na discussão, em diálogo com a linguagem audiovisual e suas potencialidades, encontrei na proposta de cenas de Marinas (2007) um caminho fecundo para tecer o diálogo e apresentar as personagens com alguma riqueza filtrada de suas próprias histórias e modos de narrar. Minha preocupação era não transformar o texto escrito em um simples guia explicativo para o vídeo, uma vez que linguagens distintas com características próprias, que mereceriam ser preservadas.

As tramas contidas nas histórias de vida dos jovens foram problematizadas a partir da tessitura entre o singular e o plural, entendendo que essas características não podem ser compreendidas isoladamente, por estarem imbricadas e, dessa forma, produzirem novos sentidos. Por isso, a pesquisa se fez considerando a percepção de como esses jovens veem e sentem o mundo.

As entrevistas-conversa com os jovens revelaram um destacado papel da instituição na vida desses sujeitos, influenciando suas escolhas futuras e seus projetos de vida. O contato com a arte e a possibilidade de produzir narrativas outras por meio do cinema ampliou a consciência crítica e o universo cultural dos jovens.

Puxando múltiplos fios envoltos na relação entre palavra dada e escuta, pôde-se chegar à compreensão cênica de tramas individuais e coletivas, de percursos e cotidianos evidenciados por meio de narrativas (auto)biográficas com o apoio de vídeos. A construção do filme tornou-se um processo formativo, tocado pelas tessituras dos encontros individuais e coletivos. Novas conexões foram criadas a partir de um movimento alteritário entre narradores e ouvinte.

À guisa de conclusão, integrar os participantes durante todo o processo com a mediação de uma linguagem que conheciam bem e com a qual eram capazes de produzir narrativas e roteiros para criar as personagens que passariam a assumir foi o maior desafio que a pesquisa enfrentou, cujo resultado se consolida no texto escrito e no filme produzido que o acompanha. As tramas contidas nas histórias de vida dos jovens a partir da tessitura entre o singular e o plural, pode ser melhor compreendida a partir da apresentação da tese nos dois formatos, proporcionando uma compreensão mais ampla das (auto)biografias. Ou seja, a linguagem audiovisual como suporte metodológico pode ampliar o campo de narrativas (auto)biográficas, do cinema e das pesquisas em educação e, consecutivamente, as nossas percepções sobre as histórias de vida dos participantes.

Palavras-chave: Metodologias de pesquisa. Narrativas (auto)biográficas. (Auto)biografia com vídeo. Histórias de vida. Cinema/audiovisual e educação.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARINAS, José-Miguel. *La escucha en la historia oral: palabra dada*. Editorial Síntesis, 2007.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François [etc. e tal]. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 20